

GABRIEL CARDOSO DOS SANTOS FALEIRO

HISTÓRIA DA IGREJA: ANTIGA E MEDIEVAL
QUESTÃO ABERTA 03

ARUJÁ-SP

2024

GABRIEL CARDOSO DOS SANTOS FALEIRO

HISTÓRIA DA IGREJA: ANTIGA E MEDIEVAL

QUESTÃO ABERTA 03

Trabalho da disciplina de História da Igreja: Antiga e Medieval, solicitado pelo prof. Paulo Henrique Martins.

FLAM - FACULDADE LATINO AMERICANA

ARUJÁ-SP

2024

SUMÁRIO

| | | |
|---|---|---|
| 1 | INTRODUÇÃO | 3 |
| 2 | O SECULARISMO E A VIDA RELIGIOSA | 3 |
| 3 | A LIBERDADE AO CONHECIMENTO E O LIVRE EXAME DAS ES- CRITURAS | 3 |
| 4 | CONCLUSÃO | 4 |
| | REFERÊNCIAS | 5 |

1 INTRODUÇÃO

Dentre as ideias difundidas pelo humanismo renascentista destacamos duas de grande importância para o pensamento dos reformadores, dentre as quais: a centralidade da humanidade e de sua existência como elemento norteador do entendimento do mundo; e a ideia da dignidade natural, a qual concebe a atividade intelectual humana como um exercício da sua liberdade. Sem tais ideias, a análise da Baixa Idade Média revela-se incompleta, pois tais ideias são seminais para o entendimento do *zeitgeist*¹ do início da Idade Moderna.

Neste contexto intelectual se encontram alguns alicerces humanistas que permitiram os reformadores idealizarem suas críticas e contrapontos à Igreja Católica Romana. É importante ressaltar que o impacto do Humanismo na Reforma se concentra muito mais na quebra do *status quo* intelectual do que necessariamente na produção teológica reformada. Sobre este assunto, Timothy George diz:

O humanismo, assim como o misticismo, foi parte da estrutura que possibilitou aos reformadores questionar certas suposições da tradição recebida, mas que em si mesma não era suficiente para fornecer uma resposta duradoura às obsessivas perguntas da época. (GEORGE, 1993, p.49)

2 O SECULARISMO E A VIDA RELIGIOSA

O Humanismo trouxe, num resgate próximo dos moldes da Grécia clássica, um ímpeto de secularização intelectual, em contraste com a intelectualidade proposta pela Igreja Católica Romana que trazia a fé como objeto central aos questionamentos filosóficos e não a humanidade. Um movimento natural quando se introduz a humanidade como centro das reflexões é o resgate das origens dessas mesmas reflexões dentro da própria história humana; nesta análise os humanistas e posteriormente reformadores se deparam com uma contradição, por Cairns:

Ao comparar a sociedade hierárquica corporativa em que viviam com a liberdade intelectual e o secularismo da sociedade grega, associados ao princípio de liberdade individual propostos pelas Escrituras, as pessoas duvidavam da validade das pretensões da Igreja de Roma e de seus líderes. Começaram, então, a enxergar horizontes intelectuais mais amplos. O interesse das pessoas era agora mais pela vida secular do que pela religiosa. (CAIRNS, 2008, p. 254)

3 A LIBERDADE AO CONHECIMENTO E O LIVRE EXAME DAS ESCRITURAS

O entendimento humanista que a humanidade possui naturalmente o direito à liberdade de conhecimento, provinda da centralização da humanidade em questões filosóficas e sociais, contrasta fortemente com o monopólio do conhecimento acerca das Escrituras promovida pela

¹ Pode ser entendido como *espírito do tempo*; descreve o conjunto de ideias, influências, comportamentos e crenças que caracterizam um determinado povo em uma determinada época. Termo cunhado por Hegel em Filosofia da História de 1837.

Igreja Católica Romana durante a Idade Média. A defesa dos reformadores de que todo cristão deve possuir livre acesso às Escrituras e também ter seu livre exame² permite que a congregação julgue, a partir da própria Bíblia, os ensinamentos e pregações expostas por seus ministros.

Este princípio acarreta em uma direta contradição ao monopólio da Igreja Católica Romana sobre as Escrituras, onde era dentro do clero a única possibilidade de acesso e exame das Escrituras. Porém, conforme é recomendado pelos apóstolos, como cristãos temos o dever de examinar e julgar os ensinamentos que nos são dados; como em I João 4 verso primeiro:

Amados, não dei crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo afora. (1Jo 4.1)

4 CONCLUSÃO

Entende-se, assim, que o humanismo proporcionou aos reformadores, principalmente, a mudança da forma de pensar necessária para que os questionamentos e propostas de reforma fossem idealizados. Podemos concluir que o humanismo não está presente necessariamente na produção da teologia reformada, mas sim na criação das condições que tornaram possíveis e favoráveis ao questionamento inicial que daria o pontapé, assim, nos princípios teológicos que fariam contraponto à hegemonia da época, representada pela Igreja Católica Romana.

² Não confundir livre exame com interpretação feita sem critérios, como costuma ser formado o espantalho em discussões vãs.

REFERÊNCIAS

CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo Através dos Séculos*. 3. ed. São Paulo - SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2008. Citado na página [3](#).

GEORGE, Timothy. *Teologia dos Reformadores*. 1. ed. São Paulo - SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1993. Citado na página [3](#).